

26 JUL

Domingo / Sunday

19:30 Castelo de Marvão, Pátio / Marvão Castle, Courtyard

ORQUESTRA / ORCHESTRA

Niek Baar, violino

Ben Kim, piano

Horácio Ferreira, clarinete

ORQUESTRA DE CÂMARA DE COLÓNIA

Roc Fargas, maestro

Felix Mendelssohn Bartholdy (1809–47)

Concerto Duplo em Ré menor para Violino, Piano e Cordas

Allegro

Adagio

Allegro molto

Sergei Prokofiev (1891–1953)

Sinfonia n.º 1 em Ré maior, Op. 25 “Clássica”

Allegro

Larghetto

Gavotte. Non troppo allegro

Finale. Molto vivace

Carl Maria von Weber (1786–1826)

Concerto para Clarinete n.º 1 em Fá menor, Op. 73

Allegro

Adagio ma non troppo

Rondo. Allegretto

Felix Mendelssohn (1809-1847) tinha apenas 14 anos quando compôs, para o seu professor de violino Eduard Rietz, o Concerto para Violino, Piano e Cordas, também conhecido como Concerto Duplo em Ré menor. Cintilante, lírico e precoce, o concerto foi também uma oportunidade para experimentar diferentes estilos e técnicas. Clássico na forma, demonstra que Mendelssohn estudava então a música barroca - como se percebe no coral ao estilo de Bach confiado ao piano no terceiro andamento e na técnica do contraponto -, as óperas de Mozart, o Grand Duo

Concertante de Weber - com o violino tratado como se fosse uma soprano sobre um borbulhante acompanhamento de piano - e o Romantismo. Depois da sua primeira apresentação privada, em 1823, Mendelssohn acrescentou instrumentos de sopro e tímpanos à partitura, provavelmente para a sua estreia pública no Schauspielhaus de Berlim, teatro e sala de concertos. Apesar da sua qualidade e do seu carácter jubiloso, o concerto desapareceu, infelizmente, das salas de concerto, só sendo reintroduzido na segunda metade do século XX.

Tal como o concerto de Mendelssohn, a Sinfonia n.º 1 de Prokofiev pode ser entendida como um exercício de composição. Enquanto frequentava aulas de direcção de orquestra com Tcherepnin, este incutiu-lhe o amor por Mozart e Haydn. Assim, Prokofiev propôs-se a tarefa de escrever uma sinfonia em estilo clássico. No seu diário, escreveu: “Se Haydn tivesse vivido até à nossa época, pensei, teria conservado o seu estilo de composição, mas teria também absorvido algo do que havia de novo. Era esse o tipo de sinfonia que eu queria compor. [...] Uma composição escrita desta forma teria provavelmente cores orquestrais mais transparentes.”

A influência mais determinante sobre a sinfonia poderá muito bem ter vindo do compositor Boris Asafyev, colega de Prokofiev e dedicatário da obra, que terá afirmado que não existe verdadeira alegria na música russa. Isso desafiou Prokofiev a mostrar que podia existir, levando-o ao ponto de eliminar quase todos os acordes menores da partitura. No entanto, antecipou claramente as críticas à sua obra-prima “feliz e descomplicada”, quando escreveu que haveria quem o acusasse de “contaminar as puras pérolas clássicas com horríveis dissonâncias prokofievianas”. Afinal, com o seu violento e monumental Concerto para Piano n.º 2 e com a sua Suite Cita, já tinha criado uma reputação. Mas o seu receio revelou-se infundado. A Sinfonia Clássica, como Prokofiev intitulou a obra, tornou-se um sucesso imediato.

A carreira de Carl Maria von Weber (1786-1826) ganhou novo impulso quando, em 1810, conheceu Heinrich Bärmann, virtuoso clarinetista da Orquestra da Corte de Munique. Esse encontro conduziu à criação de quase uma dezena de obras para clarinete que, a par das suas óperas *Der Freischütz*, *Euryanthe* e *Oberon*, lhe garantiram um lugar no panteão dos grandes compositores alemães. Talvez não surpreenda, por isso, que alguns descrevam o Concerto para Clarinete n.º 1 como uma ópera sem palavras. Para além da sua amizade com Bärmann e do talento deste, foi também o desenvolvimento do próprio instrumento que tornou o clarinete particularmente atractivo para Weber. Mais chaves e uma técnica de embocadura diferente - desencadeada pela invenção de uma boquilha com a palheta na parte inferior, em vez de na parte superior - criaram novas possibilidades musicais. Sobre a estreia do seu Concerto para Clarinete n.º 1, Weber escreveu: “Bärmann tocou de forma magnífica, a sua interpretação não deixou nada a desejar. Foi também excelentemente recebida.” Por outras palavras, trata-se de um concerto digno de assinalar o 200.º aniversário da morte de Weber.

Composed for his violin teacher Eduard Rietz, Felix Mendelssohn (1809 – 1847) was only 14 years old when he conceived his Concerto for Violin, Piano and Strings, also known as the Double Concerto in D minor. Sparkling, lyrical and precocious, composing the concerto was also an opportunity to play around with different styles and techniques. Classical in form, the concerto demonstrates that Mendelssohn was studying Baroque music (a Bach-like chorale by the piano in the third movement and the counterpoint technique), Mozart's operas and Von Weber's Grand Duo Concertante (the violin is treated as if it were a soprano above a burbling piano accompaniment), and Romanticism. After its first private performance in 1823 Mendelssohn added winds and timpani to the score, probably for its (public) premiere at the Berlin Schauspielhaus, a theatre and concert hall). Despite its quality and joyous character, the concert sadly disappeared from the concert halls not to be reintroduced until the second half of the 20th century.

Just like Mendelssohn's concerto, Prokofiev's Symphony No.1 can be seen as a composing exercise. While he was taking conducting classes with Tcherepnin, the latter instilled a love for Mozart and Haydn in him. Thus Prokofiev set himself the task of writing a symphony in the classical style. In his diary, he wrote: "If Haydn had lived to our era, I thought, he would have retained his compositional style but would also have absorbed something from what was new. That's the kind of symphony I wanted to compose. ... A composition written this way would probably have more transparent orchestral colors."

The most shaping influence on the symphony may well have come from Prokofiev's fellow composer and the work's dedicatee, Boris Asafyev, who allegedly said that there is no true joyfulness in Russian music. It challenged Prokofiev to show there could be, going as far as to eliminate almost all minor chords from the score. However, he clearly anticipated criticism on his "happy and uncomplicated" masterpiece, when he wrote that there would be people blaming him for "contaminating the pure classical pearls with horrible Prokofievish dissonances." With his violent and massive Second Piano Concerto and his Scythian Suite he had, after all, made a name for himself. But his gut feeling proved him wrong. The *Classical Symphony*, as Prokofiev had named the piece, became an instant success.

The career of Carl Maria von Weber (1786 – 1826) took off when he met Heinrich Bärmann, the virtuoso clarinettist of the Munich Court Orchestra, in 1810. It led to almost a dozen works for clarinet, which, alongside his operas *Der Freischütz*, *Euryanthe* and *Oberon*, secured him a place in the pantheon of great German composers. No wonder, perhaps, that some describe the Clarinet Concerto No.1 as

an opera without words. Apart from his friendship with and the talents of Bärmann, it was also the development of the instrument itself that made it enticing for Von Weber to favour the clarinet as his instrument of choice. More keys and a different embouchure technique (triggered by the invention of a mouthpiece with the reed on the lower instead of the upper side) created more musical possibilities. About the premiere of his Clarinet Concerto No.1 Von Weber wrote: "Baermann blew capitally, his reading left nothing to be desired. It was also excellently received." In other words, it is a worthy concerto to commemorate Von Weber's 200th death anniversary.

[Bart de Vries](#)